

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

SEPARATISMO: AUTONOMIA X AUTORITARISMO OU ATRAVÉS DA FALA DOS ADOLESCENTES QUESTIONAMOS O SENSO COMUM

Nestor André Kaercher

Boletim Gaúcho de Geografia, 19: 21-30, maio, 1992.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38012/24494>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1992

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

SEPARATISMO: AUTONOMIA X AUTORITARISMO

OU

ATRAVÉS DA FALA DOS ADOLESCENTES

QUESTIONAMOS O SENSO COMUM.

NESTOR ANDRÉ KAERCHER*

"Penso que o grande desafio do processo pedagógico é fazer com que a cabeça do oprimido não seja mais hotel do opressor porque aí ele se hospeda com todo o requinte"

(Frei Betto)

Toda vez que a palavra **separatismo** estiver aqui sendo usada quero me referir aos movimentos em prol da criação de um novo país na Região Sul do Brasil, em especial ao Movimento da "República do Pampa" que abarcaria os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Há vezes em que os defensores dessa idéia (no caso, meus alunos) "ampliam" o território com a inclusão de São Paulo ou radicalizam a proposta com a criação de um país constituído apenas pelo Rio Grande do Sul (embora não existam movimentos conhecidos e específicos com esse objetivo). Excluo desse texto, portanto, outros movimentos ou idéias separatistas existentes (oficialmente ou não) dentro ou fora do Brasil.

Através desse texto - destituído de pretensões analíticas/acadêmicas profundas - **procurarei apresentar alguns argumentos usados por adolescentes secundaristas na justificativa em favor do separatismo.**

Julgo pertinente este texto porque creio que a argumentação usada pela garotada se assemelha muito à do adulto em geral (incluindo aqui pessoas também de maior escolaridade formal) no seu grau de profundidade argumentativa que, a meu ver, é no mínimo bastante questionável quando não claramente frágil ou imbuída de preconceitos e erros de informação básicos, que julgo perigosos sob determinados aspectos, sobretudo no que diz respeito ao preconceito contra os habitantes de outras regiões, em especial o Nordeste, cujos habitantes são tidos aprioristicamente como "vagabundos".

Justifico-me: é tarefa de todo educador que não se propõe a ser **mero repassador de conteúdos, questionar o senso comum** na busca de uma maior reflexão (sem com isso querer tornar-se "dono da verdade" ou o único a ter uma visão "correta") na tentativa de **enfrentar possíveis preconceitos geradores de atitudes autoritárias e buscar um conhecimento que seja o mais plural, democrático e questionador possível.**

Em outras palavras: não acreditamos que a "voz do povo seja a voz de Deus", isto é, nem sempre o que a maioria acha deve ser aceito passivamente sob a justificativa de que cada um tem a sua opinião e pronto. Creemos que esta posição seria populista e demagógica.

* Professor na Fundação Liberato Salzano Vieira da Cunha (Novo Hamburgo)
Texto escrito em fevereiro de 1994 e premiado com o segundo lugar no concurso "Pensamento Político", promovido pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Porto Alegre

Meus interlocutores

Trabalho em uma Escola Técnica de segundo grau em Novo Hamburgo (Fundação Liberato Salzano Vieira da Cunha), mantida pelo Governo do Estado onde leciono Geografia para a Primeira Série do Segundo Grau, formada por adolescentes de catorze e quinze anos, oriundos da região, especialmente das cidades de Novo Hamburgo, São Leopoldo, Esteio, Sapucaia e arredores. Sem querer fazer uma descrição detalhada das condições sociais dos discentes, pode-se dizer, sem medo de errar, que são no geral e em sua maioria, de "classe média", isto é, não apresentam carências materiais significativas, nem tão pouco seus pais possuem riqueza material abundante.

Uma outra ressalva: a escola oferece liberdade no sentido de me possibilitar a elaboração e/ou distribuição de textos ou discussões sobre assuntos do cotidiano. Resumindo: não há censura. E eu procuro me valer dessa liberdade, pois a julgo imprescindível para a elaboração de um ensino que trabalhe na direção da construção de um conhecimento de forma coletiva e crítica (sem querer com isso dizer que, de fato, eu o consiga fazê-lo).

A estratégia

Valendo-me dessa orientação pedagógica, trabalho com os alunos o tema do separatismo por um motivo muito simples: por ser atual atrai o interesse, e, conseqüentemente, a participação do aluno. Digo isso porque, infelizmente, o interesse e a vontade de falar, participar, debater, discutir não é uma característica das mais salientes do alunado acima descrito. Evidentemente que não me queixo dessa apatia, responsabilizando-os. Sei que eles já são fruto de um processo de ensino autoritário que, muito mais do que preocupado em formar cidadãos ativos e participantes, busca um "bom aluno" que, via de regra, nada mais é do que, uma pessoa calada que apenas responde o que (e como) o professor ensinou ("catequizou"). No geral ensino aos alunos apenas a dar respostas quando, a meu ver, deveríamos ensiná-los a fazer perguntas, pois é da dúvida que nascem as respostas mais criativas. Não se trata de negar ao aluno o conhecimento já adquirido e sistematizado, mas de fazer do processo de ensino algo com raiz, que venha de baixo para cima. Tal qual cabelo, não como uma peruca, que o vento vem e leva.

Quando digo que procuro discutir temas que "digam" algo aos alunos para fazer com que eles se soltem e participem, não significa que estou preocupado especificamente em saber se eles são a favor ou contra o separatismo. Isso para mim é secundário. Assim também não procuro quantificar qual a porcentagem de alunos que é a favor desta ou daquela posição. Não quero um trabalho estatístico mas, para quem de pronto se interessou por um número, poderia dizer que as turmas se dividem bem: em algumas os separatistas vencem por uma margem pequena, noutras se dá o inverso. Enfim, é um tema longe do consenso, o que é ótimo.

Como faço o trabalho? Inicialmente entrego um texto xerocado e condensado de duas reportagens sobre o separatismo para que eles tenham um pouco mais de informações sobre o assunto, evitando assim, que minha opinião pura e simples, distorça, de imediato, a discussão.

Não quero ser ingênuo (ou mal intencionado) a ponto de dizer que minha opinião não é expressa. Claro que é (e poderia adiantar aqui que a idéia do separatismo não me é simpática) mas, pelo menos num primeiro momento de leitura do texto e colocação de informações básicas procuro evitar a exposição de minhas opiniões pessoais.

Num segundo momento proponho uma série de perguntas "abertas", que exigem resposta pessoal e argumentativa, para que eles as respondam em dupla. Solicito assim não só uma exposição escrita - o que é muito difícil para eles -, bem como uma primeira discussão com um colega pois, ao fazerem em dupla são impelidos a exporem suas idéias que, nem sempre são consensuais.

Assim, ao lado de perguntas do tipo: "Fala sobre duas vantagens do separatismo, explicando-as", faço o caminho inverso: "Fala sobre duas des vantagens". A opinião pessoal da dupla vem num momento posterior.

Anexo às reportagens encontram-se cartas de leitores da revista-fonte posicionando-se contra ou a favor do separatismo. Aproveito para pedir-lhes que analisem duas dessas cartas, justificando as idéias. É um momento emotivo em que a paixão é mais forte.

Num terceiro momento procuro discutir em aula as opiniões escritas, momento em que, novamente, assumo uma ação mais diretiva sobre o grupo, pois tento esclarecer os argumentos utilizados bem como elaborar muitas perguntas sobre o que eles próprios escreveram, procurando com isso mostrar-lhes que o assunto requer uma discussão mais aprofundada do que a até então esboçada.

Meu objetivo com este trabalho foi claro, embora seja discutível se o alcancei: alertá-los de que este assunto - o separatismo - é muito mais complexo (e até perigoso) do que, é tratado pela imprensa e por eles e de que, independente da posição de cada um, há prioridades muito mais urgentes do que a criação de um novo país.

Nosso povo, seja ele "brasileiro" ou "gaúcho" precisa de emprego, saúde, escola, enfim cidadania.

O que dizem os adolescentes?

Deter-me-ei somente nos argumentos PRÓ-SEPARATISMO que meus alunos apontam. Desconsiderarei os argumentos contrários porque não me interessa aqui o debate propriamente dito sobre esta questão. Também não quero aprofundar-me sobre a "cientificidade" (possibilidade de serem defendidos com um bom grau de racionalidade e coerência) desses argumentos, pois o que desejo ressaltar é, primeiro, a ilusão de que as saídas para a reconhecida crise econômica e ética que enfrentamos podem passar por uma solução quase mágica. Aponto nessa fé otimista uma perigosa similaridade com a crença de que nossos problemas seriam resolvidos se "tivéssemos um grande líder" ou "gente de pulso forte". Estamos assim sempre carentes de um "salvador da pátria" que nos resgatará a dignidade perdida. Julgo esta tendência de crer/fazer política perigosa, pois tira do cidadão comum a crença na luta (pessoal e coletiva) cotidiana pelas melhorias sociais que ele tanto as-

pira. Enfim, reforça-se o paternalismo em detrimento da autonomia da sociedade civil organizada. Vejo nisso um traço típico de uma sociedade autoritária e não acostumada a construir a democracia através de um longo(e às vezes infrutífero) trabalho de discussão coletiva.

Segundo: a descrença nas soluções politicamente negociadas reforça não só a apatia popular, como os preconceitos com o "outro" (em especial o nordestino), o qual, apesar de muito pouco conhecermos, condenamos como causador de nossos problemas econômicos e morais.

Mas vamos ao que eles pensam. Junto as suas idéias procuro colocar questionamentos que nos levam a um maior aprofundamento para ver se essas "soluções" são realmente viáveis.

1. "Território menor é mais fácil de governar!"

Procuro alertá-los dizendo que, por si só, quantidade de território, população ou até mesmo recursos naturais não levam um país a ser "rico" ou "pobre", isto é, a riqueza de um país não está ligada a natureza, mas sim às relações políticas entre as pessoas que ali vivem. Ou seja para cada país que eu quiser usar como "prova" de que estes fatores naturais ajudam a explicar a riqueza posso usar um "contra-exemplo". Temos vários países latinos que são muito pequenos e permanecem pobres. Idem para os que possuem um território grande. Quanto aos recursos minerais e de solo podemos objetar que o Japão consegue um bom padrão de vida sem tê-los.

A noção de "superpopulação" ("no Brasil há gente demais!") também é por mim combatida. Os países desenvolvidos da Europa e o Japão possuem muito maior densidade demográfica que nós e nem por isso tem seu desenvolvimento prejudicado.

Resumindo, não é com a diminuição do mapa que vamos ter, necessariamente, um impulso desenvolvimentista.

2. "Mandamos muito dinheiro para Brasília sem que esse dinheiro retorne para o Sul. Vai todo para as outras regiões (o Nordeste é a mais citada) sem que isso traga benefícios para os seus habitantes!"

Essa já é uma idéia bem mais complexa e que fica difícil de ser, por si só, contestada. O que procuro discutir com eles é:

2a. Não temos noção exata dos valores que enviamos para Brasília e que para cá não retornam é uma discussão técnica que não domino, embora importante, por envolver não só área tributária, mas porque está sujeita a manipulações e omissões. Poderíamos, num primeiro instante clarear: seja lá qual for a quantia que para lá enviamos, ela pode ser exageradamente aumentada para criar logo uma polaridade emotiva entre "nós, os logrados x eles, os boas vidas".

2b. Em todos os países do mundo há desequilíbrios regionais e, cabe, às regiões mais dinâmicas, financiar a recuperação das partes mais pobres.

Aqui faz-se uma opção que não é meramente "técnica" (como se isso fosse possível): ou tentamos, pelo menos, diminuir tais diferenças econômicas ou renunciamos a este pressuposto (de caráter acentuadamente moral, sem dúvida) e entregamos os pobres à sua própria sorte (ou azar). Para mim a última hipótese é moralmente injustificável (e economicamente também).

2c. É preciso ressaltar que não basta ver para onde vai o dinheiro. É preciso ver o que é feito com ele. Em que setor se está investindo, não só no aspectogeográfico. Destaco isso porque em nosso estado, o Rio Grande do Sul, tido como "politicamente desenvolvido e honesto" também há mau uso do dinheiro público. Além disso podemos questionar se aqui o dinheiro público é tão melhor usado que em outras regiões, em especial o Nordeste. Como explicar, então, o péssimo salário dos servidores estaduais - em especial os professores -, o mau estado de muitas rodovias estaduais e as carências de maiores obras no setor de saúde pública, habitação popular, etc? Enfim, nem os "outros" são todos "ladrões", nem nós, gaúchos, sinônimo de bem administrar a coisa pública. Qualquer pré-julgamento é mero estereótipo, não raro preconceito simples.

O fato do dinheiro aqui ficar não significa que ele seria prioritariamente investido com as parcelas mais pobres da população, que são as maiores e as mais necessitadas.

3. "Nós temos uma indústria e uma economia auto-suficientes. O Norte atrasa o desenvolvimento do Sul".

Claro está que adolescentes não têm obrigação de entender sobre a economia nacional em profundidade. Acontece que não é preciso ser profundo conhecedor para perceber que esta nossa auto-suficiência é inexistente.

Primeiramente não temos um parque industrial tão arrojado. O RS não chega a 10% do PIB brasileiro. Mas, isto é até secundário, pois vivemos em uma economia internacionalizada. O principal, sem falar de nossas deficiências sérias em nível de energia e matéria-prima (petróleo, energia elétrica, minerais e até alimentos), é que, cada vez mais, a integração econômica é o caminho para a saída do isolamento e da pobreza. Todos os blocos economicamente desenvolvidos buscam a construção de mercados comuns que abolem fronteiras econômicas e físicas. Então aí o Mercado Comum Europeu, o NAFTA, a CEI. Criar um novo país é reduzir, pelo menos potencialmente, o mercado consumidor e de vendas. Tudo indica que, em épocas de protecionismo crescente, todo produto "estrangeiro" seria taxado. Ora, uma vez "independente" o produto do Pampa seria "invasor", por exemplo, em SP.

Poderia ocorrer o inverso também: o calçadista gaúcho, perdão, pampiano, poderia sentir-se ameaçado pela concorrência paulista e poderia pedir a elevação das tarifas de importação, encarecendo o produto.

Resumindo: do ponto de vista econômico o separatismo é um contrasenso. Tanto é que nenhum intelectual sério o defende com argumentos sólidos.

Ou seja, é provável que haja injustiça tributária com o Sul(e sobretudo o Sudeste) mas daí a apontar como saída o separatismo vai uma boa distância. Esse grito contra nossos "exploradores" (como se o miserável nordestino comum nos explorasse!) serve muito mais como cortina de fumaça para esconder não só a incompetência política em nossas escolhas pelo voto como para desviar a atenção dos reais causadores de nossa crise(que provavelmente estão muito mais próximos de nós do que pensamos!).

4. "Em um território menor fica mais fácil conhecer melhor os governantes e assim escolhê-los melhor".

Em tese! O que dificulta ao eleitor ver com clareza quais são os candidatos realmente identificados com as causas populares não é o tamanho do território. Já não estamos numa sociedade rural onde o contato se dava quase ao nível pessoal. Para termos eleitores melhor informados precisaríamos, entre outros feitos, de uma real democratização dos meios de comunicação(hoje dominados somente por alguns grupos de grande poder econômico) bem como uma escola de qualidade e democrática que estimulasse o aluno, desde cedo, a discutir politicamente não só a política partidária, mas todo e qualquer assunto. Ou seja, democratizar a sociedade não parece ser uma preocupação dos que usam este argumento. Parece que a prioridade é "se livrar" do transtorno dos pobres. No fundo, ainda que não de forma explícita e racional, muitos pregam o aumento da segregação, a construção de novos muros num país onde cada vez mais temos muros físicos, separando as pessoas.

5. "O Norte/Nordeste é um outro país, um outro povo. Aquilo não tem nada a ver conosco". "Nordestino só quer saber de festa. Por qualquer coisa eles já estão fazendo festa, carnaval". "Eles não querem saber de trabalhar, vivem na praia".

Estas, entre outras, são algumas "pérolas" do conservadorismo que mostram que o desconhecimento de nosso país e de nosso povo podem ser perigosos num momento de crise econômica e desencanto com a realidade social do país. Uma outra frase chocante: "A desigualdade social, como a fome, é um fato que não tem mais como acabar. Tanto faz se tem ou não o separatismo"! Paralisante! Saindo de um adolescente é uma frase que mostra que até os sonhos de uma nova sociedade já estão agonizantes.

Destaco estas idéias porque elas são muito comuns não só entre os adolescentes mas também entre os adultos.

A diversidade cultural e paisagística é vista como "justificadora" das "irreconciliáveis" maneiras de viver. Diferentes climas e sotaques colocam o outro como incompatível. As diferenças são negativas, merecem ser rejeitadas, esquecidas. Indo mais a fundo parece que aquela gente(mais escura e magra) está um degrau abaixo, no mínimo, na escala do humano. Mas o mais terrível é que, como toda ignorância, ela não é neutra nem ineficaz. Muitos estufam o peito dizendo que "só aqui se trabalha".

Poderíamos pensar:

5a. Ao nível mais teórico: toda a diversidade é benéfica porque, des de que haja respeito, existe a possibilidade de troca de experiências. Pode se evitar a repetição de erros.

5b. Quem disse que temos problemas muito diferentes dos do Norte/NE? Basta ver o curta "Ilha das Flores" ou o documentário "Terra para Ro se" para perceber que aqui a miséria e a exploração existem com vigor, ain da que em menor grau.

5c. Será que no Nordeste(e no Rio também, já que estes também tem fama de "vagais") as fábricas abrem e fecham em horários muito diferentes dos daqui? Ou será que lá, como aqui, o peão, o camponês, o bóia-fria po dem se dar ao luxo de não chegar no trabalho antes das 10h da manhã?

5d. Será que não são justamente os sulistas os maiores frequentado res das praias do Nordeste? Aliás, felizes os que podem ... Além do mais, devemos perceber que, para eles, o lazer, o prazer são ganha-pão, são em prego, são uma das principais fontes de renda. Lá o turismo é trabalho. Sõ para os que lá vão fazer suas férias é que é lazer e folga.

5e. Sê há muitos desocupados lá(e há) dificilmente é uma escolha pes soal. O desemprego não é opção nem leva a desfrutar a vida como se ela fos se maravilhosa, ainda que você esteja contemplando uma bela praia de ver des mares.

Vejo, em muitos desses "argumentos" um caráter notadamente precon ceituoso, ainda que muitas vezes ele seja sequer percebido como tal. Mesmo que criássemos um novo país, fico pensando: o que há de novo nisso? Pre-conceitos(sejam eles de que espécie forem) só servem para que a mesma mi noria de sempre continue com seus privilégios, enquanto o povão, se arre-benta no trabalho(ou no desemprego). Antes de mudar o mapa temos que mu dar nossas cabeças de colonizadores senão nada de novo criaremos. O Bra-sil é um país raro: temos o preconceito com o nosso próprio povo e as dife renças "abissais" entre nós passam a ser a cor de nossos olhos, cabelos e pele!

6. "A migração nordestina é prejudicial ao Sul"

Aqui há, outra vez, um misto de preconceito com ignorância. Primei-ro deveríamos tentar reverter as causas que originam o exodo para os gran des centros urbanos (agora já bem mais fraco simplesmente porque o sonho do Eldorado sulista se espatifou e não porque as causas de expulsão tenham diminuído), pois não são apenas os nordestinos os expulsos. Basta ver quem colonizou o oeste de SC e do PR para perceber que o RS, tanto quanto o po bre NE, é zona de expulsão de sua gente. Gente que, humilhada e agredi-da, tenta manter sua dignidade abrindo novas fronteiras pelo Brasil, na bus ca de um pedaço de chão e trabalho. Em caso de dúvida basta ver quem é que colonizou o Mato Grosso do Sul e o Mato Grosso. Quem agora já está em Rondônia, Acre e Pará senão os sulistas? Perguntem para eles se vão com trapos e filhos pendurados para tão longe "por opção"?

Tal qual no Nordeste, é a concentração de renda e de terra os maiores causadores de tamanha fuga de gente. E tais causas não serão necessariamente atacadas pela simples criação de um novo estado.

Por outro lado, pensemos no impulso que teve o industrializado sudeste brasileiro, em especial São Paulo, utilizando a barata e disciplinada mão-de-obra nordestina.

Não tenho a mínima dúvida que, mesmo que variem os números, a miséria de lá é parecida com a daqui e a opulência de lá é parecida também com a nossa. O Haiti também é aqui e lá também é Suíça. O capitalismo se mundializou: integra espaços; mas distribui seus louros para bem poucos.

Creio que, a tese do separatismo traz o risco de "tribalização" do ser humano justamente quando a economia é cada vez mais globalizada. Isto é, ficamos cada vez mais agarrados ao nosso gueto, achando que o "outro" representa um perigo. A economia e a tecnologia avançam e nós nos mantemos em um mundinho extremamente estereotipado e etnocêntrico. Quem garante que tais pensamentos não são o germe de uma nova Iugoslávia?

7. "A renda arrecadada no Sul ficará retida aqui mesmo e não será mais mandada ao Norte do País pois estaremos separados".

Primeiro: as fronteiras geográficas foram secundarizadas pelo capital, isto é, mesmo "independente" politicamente isso não garante que ficaremos ilhados. É bem provável que já nasceríamos como um país endividado, pois não seria fácil passar uma "esponja" em nossa volumosa dívida interna. O Brasil é independente e nem por isso mantém todo o seu dinheiro. A dívida externa nos leva muitos bilhões de dólares por ano. É provável que viessemos a ser mais um país frágil e dependente no globo, inclusive em relação ao nosso novo vizinho Brasil que, sabidamente, será poderoso, apesar de pobre.

8. "Pior do que está, não vai ficar e se não der certo, a gente une de novo".

Aparentemente sensato e simples, este pensamento é um retrato da simplicidade(às vezes ingenuidade) com que o povo trata a política e as relações de poder.

Não podemos fazer um laboratório de experiências com milhões de pessoas(isso as equipes econômicas já fazem com os planos de "estabilização") e nem tratar com leviandade um tema tão complexo e apaixonado, como se um plebiscito resolvesse. Não quero assumir aqui a posição do tipo "o povo não sabe decidir", mas acho que certos temas são facilmente manipuláveis e podem criar um acirramento de ânimos a ponto de não ser impossível uma verdadeira guerra entre separatistas e adversários, bem como possíveis retaliações de habitantes em diversas regiões. Enfim, é brincar com fogo perto de um barril de pólvora. Talvez pareça exagero o temor, mas quem diria há poucos anos que a Iugoslávia e a ex-URSS cairiam em guerras tão cruentas? O

pano de fundo aqui é semelhante: crise econômica, inflação alta, desencanto com as eleições e a democracia, enfim, um povo saturado e desejando soluções rápidas. Em vez da autonomia poderíamos cair no risco de uma ditadura fascista. A tradição autoritária de nossa sociedade não é pequena e a pátria, quando levada à política, nem sempre é boa conselheira. A idéia do "não podemos mais sustentar os outros" é um ótimo cavalo de batalha para atrair adeptos ingênuos ou mal informados, que são, em minha opinião, a maioria de nossa população.

9. "Nosso nível de vida (no Sul) está baixando!"

Isto é fato, mas muito pouco tem a ver com o suposto favorecimento dos nordestinos. Como explicar que os nordestinos sejam muito mais miseráveis do que nós se recebem tantas benesses? Óbvio está que, a miserabilidade das regiões Norte e Nordeste favorece a eleição de governantes desonestos que desviam as verbas públicas, mas é preciso atacar os esquemas de corrupção na sua raiz. E uma das atenções prioritárias deve ser dada à saúde e à educação públicas para que elevem a dignidade do cidadão destas regiões, tornando assim mais difícil o seu aliciamento em troca de migalhas. Mas insistimos: as mudanças que devemos operar, para transformar a triste realidade que o Brasil enfrenta, passam por alterações significativas nas prioridades de nossos atuais governantes. A redistribuição de terra via reforma agrária, a melhoria na rede pública de educação e saúde e o fortalecimento do mercado interno, via aumento real dos salários, são medidas a serem implementadas a longo prazo, mas que são viáveis desde que se mudem as mentalidades tanto de nossos governantes como de nosso povo. Não são soluções simplórias, tipo separatismo, que vão eliminar nosso secular atraso e dependência.

Concluindo, ainda que parcialmente

O separatismo - idéia simpática a parcelas significativas da população do Sul do Brasil, como atestam pesquisas de opinião e como tenho sentido entre adolescentes, está muito longe de se constituir alternativa séria e viável para a saída de nossa crise econômica e ética. Os argumentos a favor do separatismo, em sua maioria (o mesmo se poderia dizer dos que são contra este movimento) são frágeis, faltando-lhes, no geral, maior articulação com as tendências econômicas mundiais. Mas o que mais me preocupa é a forte carga de preconceito e passionalidade com que é travada essa discussão. Não raro a justificativa em favor da criação de um novo país (seja ele o Pampa ou não) é carregada de um forte sentimento xenófobo (sic) em relação aos habitantes de outras regiões apontados como "culpados" pelo empobrecimento de nossa população, por sua incapacidade ou má vontade para o trabalho ou, ainda, porque nossas culturas são muito "incompatíveis" com as de outras partes do Brasil. Destaco que esse estranhamento com relação ao outro - que pouquíssimo nós conhecemos, mas que talvez por isso mesmo nos cause medo - é um sentimento explosivo e latente em boa parte das pessoas ou vidas. Assim sendo o que busca ser um movimento em prol da autonomia e liberdade se aproxima, contraditoriamente, ao fortalecimento do Estado como condutor da sociedade civil, atordoada com seu empobrecimento e impotente

para resolver a crise na qual já estamos imersos há mais de dez anos. Em outras palavras: o separatismo busca mais liberdade e autonomia mas, a meu ver, reforça justamente o seu oposto, a perda na crença de que os problemas econômicos e sociais possam ser por nós resolvidos dentro do jogo da convivência integrada e harmônica.

Paralelo a isso podemos pressentir o espaço para o surgimento de líderes carismáticos e autoritários que podem levar significativas parcelas da população a apoiarem soluções de força para nossos problemas (o separatismo é uma delas).

Creemos que tal herança não é apenas (mas tem aqui forte razão) fruto da crise econômica. A descrença no êxito da democracia representativa formal em nos dar "soluções" para esta perda na nossa qualidade de vida se fortalece com as notícias constantes de escândalos envolvendo políticos.

Um outro elemento de fundo nos parece bem mais antigo, estrutural de nossa sociedade: a longa tradição autoritária de nossas elites governantes aliada ao secular e excludente modelo de (sub) desenvolvimento econômico que concentra riquezas e terra e sonega dignas condições de vida a milhões de honestos trabalhadores que, contraditoriamente, através da mesma democracia formal, elegem e legitimam estas elites conservadoras e feudais na manutenção dos seus próprios privilégios.

Soluções para reverter tal quadro - preocupante sem dúvida - não são de curto prazo e nem permitem a esquematização numa "fórmula simples e milagreira".

Há que se continuar lutando por melhores e mais dignas condições de vida, trabalho, educação, etc para o nosso povo. Há que se fortalecer a sociedade civil organizada para que ela lute contra o embrutecimento ainda maior do brasileiro. Há que se apostar na democracia, ainda que saibamos que ela possui enormes limitações para que, a partir da experiência da troca de governantes e de idéias, possamos buscar melhores alternativas para enfrentar o nosso perverso modelo econômico.

Enquanto o homem for visto apenas como elemento criador de riqueza e lucro e não como razão primeira e maior de todo o processo de trabalho, restar-nos-ão poucas esperanças na construção de uma sociedade mais igualitária (não homogênea) e fraterna.

A travessia até chegarmos a este porto é longa e não nos garante paraísos nem portos seguros, mas impõe-se como uma das únicas alternativas para superar as sombrias perspectivas desta degradante "Nova Ordem Mundial" que muito pouco tem de nova, pois mantém centenas de milhões de pessoas (humanas ???) na condição de sequer saber se terão, hoje ou amanhã, pão, teto e segurança. Aos companheiros dessa luta (de um espaço mais democrático e justo), em cada local de trabalho ou estudo, a nossa humilde homenagem e solidariedade.